

O ESPAÇO DAS MINORIAS DE GÊNERO ANTE A CULTURA RURAL DO DISTRITO: estudo de caso em Barranco Alto, Alfenas-MG

Abigail Bruna Da Cruz¹

Rafaela Santos Costa De Figueiredo²

Resumo

O presente artigo examinou as relações das minorias de gênero no distrito de Barranco Alto Alfenas-MG. Este distrito tem aspectos rurais bem marcantes e contraditórios, que de modo direto ou indireto influência na vivência de mulheres, homens e das suas múltiplas identidades de gênero. Usou-se, como metodologia; leituras diversas, entrevistas com moradores e teve por bases científicas a fenomenologia. Comprovou-se que: 1- A nova cultura vem rompendo com os limites profissionais e aumentando a autonomia das mulheres aos homens. 2- Há hierarquização entre gêneros, relação de silenciamento entre mulheres heterossexuais aos homossexuais - Não são explícitos ou comentados casos de violências físicas sofridas pelo gênero feminino em relação ao masculino. 4- O silenciamento das minorias de gênero, deve-se muito, ao não reconhecimento dos agentes sociais, como a escola, a comunidade e da família para oferecer ajuda, respeitar e buscar a equidade entre todos os gêneros.

Palavras-chave: Minorias de gênero, distrito, ruralidades.

Introdução

Gênero e sexualidade são assuntos desafiadores que necessitam de serem proferidos e refletidos em nossa sociedade, para que assim sejam superados os preconceitos, os estereótipos e as demais violências que as desinformações referentes á essas questões podem acarretar. Entendendo a necessidade anteriormente referida, o presente trabalho procurou expor as relações das minorias de gênero no distrito de Barranco Alto.

Esse distrito está localizado na Mesorregião sul/sudoeste do Estado de Minas Gerais, tem como sede municipal a cidade de Alfenas. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a sua população está estimada em 1.157 habitantes.

¹ Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG abigail_bruna@hotmail.com

² Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG rafaela_santos@live.com

Nesse distrito, bem como em muitos outros distritos brasileiros, existe uma relação urbano-rural bastante dialética;

[...] os distritos podem ser vistos como locais de transição, já que mantém em seu contexto relações presentes tanto no campo quanto na cidade, onde nitidamente essa interação provoca mudanças no cotidiano dos moradores distritais. Esse hibridismo causa uma confusão identitária, já que ao mesmo tempo em que se percebem como moradores rurais, estes moradores mantêm vínculos expressivos com o distrito-sede para suprirem necessidades básicas do dia-a-dia, o que inclui o que chamamos de “modernidades”, ou seja, bens materiais que representam uma melhor “qualidade de vida” para estes moradores. (SILVA, 2011 p.1)

Por um lado, há uma forte presença da cultura rural tradicional, principalmente nas crenças religiosas, como o desenvolvimento de novenas, realização de benzimento e a utilização de medicinas naturais, como constam em Figueiredo, Cruz e Alves (2016), bem como no modo de viver as relações de aspectos afetivos e organizacionais, como as relações de vizinhança, parentescos, apadrinhamentos, estrutura familiar patriarcal como citado em Cruz (2016).

Ao mesmo tempo averigua-se a inserção de novos modos de vida, advindos das tecnologias (de comunicação e informação), acredita-se que estes últimos, são pontos de tensionamentos que possibilitam mudanças, ou mesmo, a readequação dessa cultura, até então hegemônica.

Dentre os objetivos da elaboração dessa pesquisa esteve a análise das relações entre as minorias de gênero e os agentes materiais e imateriais que regem o espaço masculinizado e heteronormativo do distrito de Barranco Alto e posteriormente a investigação dos modos que essas minorias intervêm no espaço que ocupam e (re)modelam a cultura.

Quanto a metodologia utilizada, cabe dizer que este trabalho é qualitativo, fenomenológico, realizado sobre as perspectivas da Geografia Cultural. Para elaborá-lo, foram escolhidos artigos científicos das Geografias Feministas, escritos principalmente por Joseli Maria da Silva (2010) e outros autores como Michel Foucault (1988), Claude Raffestin (1993), Cabral e Diaz (1998) para abordar assuntos referentes, à sexualidade e às relações de poder e das formas de dominação das minorias estudadas, além de artigos que tratassem do distrito, para uma melhor averiguação entre as teorias já registradas e os dados recolhidos em campo.

A escolha dessa linha geográfica para o desenvolvimento deste trabalho, deve-se ao fato de que essa interessa-se, sobretudo, pelas múltiplas “vozes” que podem e são silenciadas por representações dominantes, como exemplo os discursos das mulheres, homossexuais entre outras minorias. (Berdolay, 2012).

Depois foram realizadas entrevistas com 20 moradores do distrito, sendo essas entrevistas divididas em duas frentes; a primeira “Gênero feminino no distrito” e a segunda “Identidades de gênero no distrito”. Entre os entrevistados havia mulheres jovens, adultas e idosas, todas elas, coincidentemente, heterossexuais, havia também homens jovens, adultos e idosos, entre estes havia bissexuais e homossexuais. Embora esses sejam dois momentos distintos, os mesmos se co-relacionam em busca de conquista por espaço.

Para dividir cada assunto abordado, foram escolhidos trechos de músicas brasileiras, de diversos gêneros, para expressam na forma da arte, resistências e também denúncias contra as violências de gênero vivenciadas pelas minorias estudadas nessa pesquisa.

Breves Reflexões Sobre Gênero e Gênero Na Ciência Geográfica

Estimulados pela nova forma de compreensão das relações humanas propostas pela Nova Geografia Cultural, surgiu na década de 1970, a Geografia de Gênero;

A Geografia de Gênero tem possibilitado o desenvolvimento de estudos centrados na ótica, que parte do trabalho para a produção e reprodução do espaço, entendendo as mulheres como atrizes sociais, que através de seus papéis ativos produzem e reproduzem o espaço. Porém, a análise não se centra somente na mulher, pois a mesma é responsável pela produção e reprodução dos homens, que reunidos em família conjuntamente com ela, produzem e reproduzem o espaço da sociedade. (FRANCISCO, 2012 p.32).

Este conceito (Geografia de Gênero) abrangia somente estudos, ou melhor, focava seus estudos nas relações sociais, culturais e espaciais das mulheres. Com o correr do tempo, influenciados pelos pensamentos de Judith Butler e a necessidade de abordar questões sobre as diversidades de Identidades de Gênero, difundiram a Geografia Queer, que estuda os aspectos dos “renegados” dentro das comunidades LGBTs (SILVA, 2010).

Concorda-se com Cabral e Diaz (1998) quando os autores trazem que “O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo”. É necessário enfatizar que, ainda segundo Cabral e Diaz (1998) diferentemente do conceito de sexo, que seria a característica biológica dos aparelhos reprodutores de homens e de mulheres, o conceito de gênero perpassa essa definição quando a elas são associadas o papel social desenvolvido a partir das diferenças sexuais.

Ao considerar as realidades destes papéis sociais, denota-se uma hierarquização que define os espaços que são considerados próprios para homens e os espaços que são assumidos pelas mulheres e pelos membros dos grupos LGBTs na sociedade. Sabe-se que por muito tempo, o gênero feminino se submeteu as relações machistas e patriarcais, o que para Cabral e Diaz (1998) e Silva (2010) significa a sujeição da mulher (cis e trans) aos domínios do gênero masculino.

(...) é compreendido pelas geógrafas feministas como um sistema de relações hierarquizadas no qual os seres humanos detêm poderes desiguais, com a supremacia da autoridade masculina sobre a feminina em diversos aspectos da vida social, abrangendo desde os sistemas econômicos e sistemas jurídico- institucionais até os regimes cotidianos do exercício da sexualidade. (SILVA, 2010 p. 33)

Para Raffestin (1980), essa dominação reafirma a fluidez do poder, que se aproveita dos lugares para se infiltrar na sociedade, para intervir nos modos de vida do indivíduo, tanto no âmbito pessoal quanto profissional, criando hierarquias e modelos padronizados, como normas a serem seguidas que neste caso seriam os padrões heteronormativos.

Segundo Silva (2010), os corpos que não se encaixam no modelo imposto na matriz heteronormativa (Homens-cisgênero em primeira instância/Mulheres-cisgênero em segunda instância) são considerados “abjetos”, ou seja, sem valor, desprezíveis, sofrem com a discriminação e o silenciamento. A repressão funciona como condenação ao desaparecimento, onde não há nada para dizer, não teria o que ser visto ou sabido.

Para Foucault (1988) a repressão, o silenciamento dessas vozes, aqui chamadas de minorias de gênero, são formas violentas de se moldar o indivíduo enquanto ser social e cultural. Foram a partir dessas considerações e sobre a perspectiva de sobrevivência da cultura rural tradicional no distrito, que deu-se as análises realizadas em campo, onde alguns resultados serão brevemente tratados aqui.

A partir dessa consideração que surgiram as próximas reflexões deste artigo, que primeiramente tratou das relações sociais e culturais do gênero feminino e posteriormente das demais identidades de gênero no distrito. Depois buscou pontos comuns e de tensionamentos da vivência destes grupos nessa comunidade.

O Espaço Do Gênero Feminino No Distrito “O ensejo à fez tão prendada, ela foi educada para cuidar e servir (...)”³

Sabe-se que o papel da mulher na sociedade ainda é percebido como tendo importância secundária ao do homem, esse fato determinou muitas vezes no seu modo de vida e na padronização de suas condutas. No distrito esse fato também acontece, como pode ser confirmado com a resposta a seguir:

“Tanto na minha família quanto no distrito em geral, as funções da mulher seguem o tolo modelo patriarcal, em que a mulher exerce uma submissão ao homem e serve para criar filhos, realizar os serviços domésticos enquanto o marido trabalha e cuida deste”. (ENTREVISTADO 1- Estudante 15 anos)

Para Cabral e Diaz (1998), Silva (2010) e Alves (2016), essa sujeição da mulher ao homem e ao modelo patriarcal nas relações, são reflexos impregnados culturalmente. Embora seja crescente o empoderamento feminino, advindos principalmente após os movimentos feministas da década de 1970, ainda são grandes os desafios enfrentados por estas na sociedade.

“A despeito de tanto mestrado, ganha menos que o namorado e não entende o porquê (...)”⁴

No ambiente de trabalho as mulheres estão presentes e ganhando espaço, assumindo muitas vezes jornadas duplas, enfrentando condições de trabalhos que desrespeitam a legislação. Muitas mulheres que residem no distrito vão para as fazendas da região trabalhar nas lavouras, principalmente de café e banana.

³ Trecho da música “Desconstruindo Amélia”, interpretada pela cantora Pitty.

⁴ Trecho da música “Desconstruindo Amélia”, interpretada pela cantora Pitty.

Quando é pensado no trabalho familiar é necessário lembrar que embora as mulheres realizem muitas das suas atividades no meio rural, tanto em suas propriedades quanto nas propriedades vizinhas, não há o devido reconhecimento das mesmas. Muitas vezes elas não são registradas e fazem papel secundário nesta sociedade, ainda fortemente patriarcal e machista. (CRUZ, 2016 p.36)

Percebe-se que, ao mesmo tempo em que as mulheres estão se tornando independentes de seus maridos, trabalhando para sustentar seus desejos e na maioria das vezes, suprindo as despesas do lar, o seu trabalho é desvalorizado, são consideradas “ajudas” e não base de sustento familiar, ganham salários aquém do sexo masculino e não tem seus direitos garantidos.

As fazendas, próximas ao distrito, não mantêm vínculos empregatícios com mulheres, sobretudo por desconsiderá-las capaz de desempenhar serviços braçais intensos e pelo fato de serem elas responsáveis pelos filhos, caso estes adoeçam, além de outros cuidados físicos, escolares, funções estas, nem sempre divididas com os homens da casa, pois;

A execução de tarefas no âmbito familiar é vista pelos homens como trabalho feminino apropriado, não-remunerado, obrigação natural feminina, ato de amor para com o esposo e os filhos, sendo pouco valorado na sociedade de mercado. Os homens também dominam as instituições públicas e o aparato legal, criando leis, normas e regulações que lhes favorecem. Muitas vezes, o machismo desencadeia ações de violência física e psicológica sobre mulheres, e o controle da sexualidade feminina pelos homens se estabelecem pela regulação moral e mediante a posse masculina de seus corpos. (SILVA, 2010 p.43)

Um aspecto que ainda é de difícil assimilação, por parte dessas mulheres, que foi percebido durante o processo de entrevista, é o saber lidar com a sua própria sexualidade e com a sexualidade dos outros indivíduos que as cercam. Esse fato é retomado mais adiante neste artigo quando será tratado as identidades de gêneros no distrito.

“Eis que de repente, ela então resolve mudar, vira a mesa, assume o jogo e faz questão de se cuidar. Nem serva nem objeto, já não quer ser o outro, hoje ela é um também”⁵

Durante o processo de entrevista, percebeu-se que os moradores reconhecem que muitos dos costumes que hoje é reproduzido entre as mulheres, de primeiro servir seus maridos, as funções inerente do lar, a família e depois pensar nelas próprias (quando pensam), são produtos de uma cultura machista e patriarcal. O patriarcado;

⁵ Trecho da música: “Desconstruindo Amélia”, interpretada pela cantora Pitty.

(...) é compreendido pelas geógrafas feministas como um sistema de relações hierarquizadas no qual os seres humanos detêm poderes desiguais, com a supremacia da autoridade masculina sobre a feminina em diversos aspectos da vida social, abrangendo desde os sistemas econômicos e sistemas jurídico-institucionais até os regimes cotidianos do exercício da sexualidade. (SILVA, 2010 p.43)

No entanto, nota-se um discurso de encorajamento nas pessoas que foram entrevistadas, de todos os gêneros a respeito do gênero feminino. “Lugar da mulher é onde ela quiser estar”, essas palavras foram referidas pela moradora (A.M. Funcionária da escola) em entrevista que faz menção a Simone de Beauvoir⁶.

(...) Ser mulher é muito mais que criar filhos e lavar a louça. Ser mulher é aguentar o machismo e a humilhação impostos apenas porque nasceu com determinado órgão genital (no caso das mulheres cis). (...) Ser mulher é causar influência num país econômica e socialmente, é trazer uma forma de pensar sobre as coisas com um jeito diferente, um olhar diferente sobre tudo e todos. Ser mulher é empoderar-se diariamente diante de todas as barreiras presentes impostas por uma sociedade machista e patriarcal, onde o homem, o famigerado gênero masculino é o centro de tudo, da economia, dos poderes políticos e da organização social. (ENTREVISTADO 1- Estudante 15 anos)

Esse discurso de empoderamento entre as mulheres deste distrito vem tomando força e mudando, segundo as mesmas, os valores até então arraigados neste espaço. Essas mulheres estão assumindo em grande parte os serviços e oportunidades que estão surgindo, sentem que estão com mais voz ativa do que as gerações anteriores à essas (mães e avós).

Creio eu que a revolução na valorização do trabalho da mulher, embora já esteja ocorrendo, ainda demorará algum tempo até chegar ao seu ápice e consolidar-se. Até lá, espero ansiosamente o dia em que salários para homens e mulheres sejam iguais para as mesmas funções e que mulheres tenham mais chances em determinadas áreas que são destinadas exclusivamente a homens. (ENTREVISTADO 1- Estudante 15 anos)

Segundo moradores, as mulheres estão voltando aos estudos, estão presentes no cenário da educação, tanto familiar quanto formal, estão fazendo frentes políticas, estão atuantes na área da saúde dentre outros espaços. Isso representa ganhos consideráveis e elementares para construção e fortalecimento de uma nova identidade do gênero feminino no distrito.

⁶ **Simone de Beauvoir:** Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, mais conhecida como Simone de Beauvoir, foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa.

O Espaço Das Múltiplas Identidades De Gênero No Distrito “Eu tenho meus problemas, você tem os seus, variações do mesmo tema”⁷

Um fato que foi percebido na elaboração deste artigo é que as lutas por espaço entre os agentes que foram considerados minorias neste trabalho andam separadamente. Isso reproduz e reforça ainda mais a hierarquização existente entre os gêneros. Porém, é unânime dizer que a hegemonia dos gêneros está no gênero masculino;

Com certeza o homem heterossexual cisgênero é, infelizmente, hegemônico em relação a qualquer outro gênero, principalmente sobre as mulheres (trans e cis). E isso é extremamente ridículo; nenhum gênero deve exercer influência sobre outro. Cada um tem sua individualidade e um gênero não diz se tu és mais ou menos que outra pessoa ou que pode sujeitá-la a algum tipo de preconceito. (ENTREVISTADO 1- Estudante 15 anos)

Como se trata de um lugar pequeno, sem muita diversidade, desde a infância as pessoas são criadas com a mentalidade de que ser LGBT ou ter um comportamento diferente daquele que é imposto ao seu gênero é errado, e dessa forma a LGBTfobia e o machismo crescem cada vez mais. É algo que deve ser corrigido efetivamente. (...) já no meio mais urbanizado há mais oportunidades em todos os quesitos (cultura, lazer, educação etc.) e maior diversidade de pessoas, o que é de extrema importância para o desenvolvimento pessoal e a capacidade de conviver com o que é diferente. (ENTREVISTADO 1- Estudante 15 anos)

Ao invés de buscar unir forças para romper barreiras que os assemelham, nota-se que, ao contrário, essas minorias se desassociaam pelas diferenças. Notou-se este processo principalmente quando muitas mulheres heterossexuais se recusaram e/ou optaram por não falar a respeito das demais minorias de gênero.

“Disfarça e segue em frente todo dia, até cansar (...)”⁸

A partir deste momento, este artigo apresenta apontamentos referentes às identidades gêneros, aqui representados pela comunidade LGBT, averiguando as suas perspectivas e os desafios cotidianos vivenciados por essa minoria no distrito, em busca de conquista de espaço e garantia de direitos.

Entende-se que a identidade de gênero, segundo Silva (2010) é exercida pela performatividade, sendo a identidade de gênero uma representação que “para existir, efetivamente concretamente por meio do ser humano, de sua geograficidade e historicidade” e que é

⁷ Trecho da música: “Variações do mesmo tema” interpretada pela banda Engenheiros do Hawaii.

⁸ Trecho da música: “Desconstruindo Amélia”, interpretada pela cantora Pitty.

constantemente sujeitada à mudanças e ao novo, ao contrário do que pode ser visto na sociedade heteronormativa.

Aqueles indivíduos que se distanciam de um modelo consideravelmente aceitável para a sociedade heteronormativa, rompe com o que é considerado “normal”. Nota-se este fato, principalmente ao tratar a sexualidade, já que ainda nos dias atuais, expor seus desejos íntimos são tabus, sobretudo, quando esses não correspondem ao modelo hegemônico.

A sexualidade, é então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a inteiramente na função de reproduzir. Em torno do sexo se cala. O casal legítimo e procriador dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detêm a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. (...) E se o estéril insiste, e se demonstra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar sanções. (FOUCALT 1988 p.9-10).

Esses desejos são suprimidos pela sociedade, são considerados desvios geracionais, influências do “novo”. No caso específico do distrito, este “novo”, seriam os meios tecnológicos e a mudanças de moradores de outras cidades.

Como forma de tentativa de negação, tanto ao preconceito quanto ao fato em si, algumas pessoas acreditam que esses “anseios” vividos, sobretudo entre os jovens, tendem a se dissipar com o passar do tempo e com a chegada da maturidade, optando assim, por mascarar os fatos que acontecem ao seu redor,

Eu não tenho preconceito, mas... de uns tempos para cá, isso aumentou, não que já não tivesse isso, mas não sei se é por “modinha”, hoje é muito escancarado. (...) Mudou algumas pessoas recentemente para cá, os três filhos são... os dois meninos são gayzinhos e a menina diz gostar de meninas... Depois disso aumentou demais... Na minha família mesmo teve um caso, mas sentamos e conversamos e a vontade passou... Esse mundo judia de quem é diferente. (ENTREVISTADA 2- Funcionária pública 32 anos)

Nota-se que no discurso conservador que há um afastamento do preconceito de si próprio, para o outro sujeito, no caso “o mundo”, seja na forma de amenizar seu preconceito, a sua discriminação, ou mesmo por não buscar formas de conhecer a realidade vivida por estes indivíduos.

“Paz sem voz, não é paz, é medo”⁹

Para Silva (2010), os corpos que não se encaixam modelo imposto na matriz heteronormativa são considerados “abjetos”, ou seja, sem valor, desprezíveis. Não somente as

⁹ Trecho da música: “Minha Alma” interpretada pelo happer Rappa.

violências físicas são determinantes nos modos de vidas desses moradores, há as violências de ordem psicológicas,

O que não é regulado para geração ou por ela transfigurado não possui nem eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado, reduzido ao silêncio. Não somente não existe como não deve existir e à menor manifestação fá-la-ão desaparecer- sejam atos ou palavras. (FOUCAULT, 1988 p. 10)

Quando se trata de percepção, nota-se um determinado tema pode ser refletido de diversas formas, muito disso deve-se, a experiência vivida por cada indivíduo, sua forma de sentir os fenômenos, como lidam com a bolha social em que cada um está inserido.

Não vejo como necessidade, este levantar bandeira, sair a público e gritar por seus direitos enquanto isso ou aquilo. Penso, que se é aceito não é necessário reafirmação. Vejo aqueles movimento LGBT, vira tudo carnaval, deturpam o verdadeiro sentido do movimento.(...) Aqui tudo é muito tranquilo. Na escola há sim, não vou negar, brincadeiras, só que hoje em dia as pessoas são muito doidas, no meu tempo de criança, não chamava isso de bullying, a gente aprendia a revidar. (ENTREVISTADA 3-Funcionária da escola 40 anos)

A lógica abominável sugere que, se você não sente na pele, se você não faz parte, simplesmente o fato não existe e não necessita de reflexão. Essa negação atua como forma de repressão da população LGBT no distrito.

(...) a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injeção ao silêncio, afirmação da inexistência e, conseqüentemente, constatação de que tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga a hipocrisia de nossas sociedades burguesas. (FOUCAULT 1988 p.10)

A entrevista a seguir, se contrapõe à da supervisora pedagógica, quando o morador afirma que já sofreu homofobia e que ansiava por uma postura dos agentes familiares e da própria escola, ambiente de reprodução de valores da sociedade, e como pode perceber essa postura crítica/reflexiva não ocorreu.

Sim e frequentemente, principalmente no ambiente escolar e familiar. Não só presenciei como já sofri homofobia(...) A LGBTfobia ocorre de maneira corriqueira, sem ter a devida problematização de quem deveria fazer algo pela comunidade. No ambiente escolar os casos de LGBTfobia são simplesmente ignorados e o empoderamento não é algo pautado/incentivado. (...) Embora ainda haja muito preconceito, a população aos poucos vai ficando com a mente "mais aberta" com determinados assuntos, como ocorre em qualquer local. (ENTREVISTADO 1- Estudante 15 anos)

A escola ou mesmo a família, aqui referida pelo entrevistado, representa um poder maior, autoritário e que por considerar-se detentores do saber, da informação e da experiência silencia os fenômenos sociais que lhe fogem ao controle. Para Raffestin (1980);

O poder, nome comum, se esconde atrás do Poder, nome próprio. Esconde-se tanto melhor quanto maior for a sua presença em todos os lugares. Presente em cada

relação, na curva de cada ação: insidioso, ele se aproveita de todas as fissuras sociais para infiltrar-se até o coração do homem. (...) O laço entre o poder e o saber é evidente, mas não há nem informação pura nem energia pura. Trata-se sempre de uma combinação das duas. O espaço-tempo relacional é organizado pela combinação de energia e informação. (RAFFESTIN 1993 p.52-54)

Portanto, nota-se que no distrito, embora haja o discurso de cordialidade entre gêneros, ainda não houve a superação das discriminações e a possibilidade de criação de um debate mais efetivo e profundo para que realmente se estabeleça uma problematização sobre as tantas formas de violências vividas pelos membros dos grupos LGBTs.

“Por que você me procura? Se as nossas vidas juntas, vão ter sempre um triste fim, se existe um preconceito muito forte separando você de mim (...)”¹⁰

No distrito, não há relatos de existência de família com estrutura homossexual. Essas relações ainda são consideradas “anormais”, são consideradas relações ilegítimas, sendo pouco tratadas nessa comunidade.

Porém forçadas a algumas concessões. Se for mesmo preciso dar lugar as sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar (...) tais lugares de tolerância: (...) o prazer a que não se alude para a ordem das coisas que se contam; as palavras, os gestos, então autorizados nas surdinas(...). (FOUCAULT 1988 p.10)

Uma questão que se debate ao tratar as minorias de gênero é a objetificação e estigmatização do corpo, e as violências sofridas por essas no ambiente domiciliar, de trabalho e até mesmo em momentos de lazer. Violências essas, banalizadas e de certo modo incentivadas pelos mesmos meios que difundem os movimentos pró-feminismo e do orgulho gay.

O corpo da mulher (cis ou trans) é visto como um objeto de diversão para os homens, onde ela vive para servi-los e lhes dar prazer, por isso uma mulher deve sempre estar realizando serviços estéticos, comprando as roupas da moda, se maquiando diariamente, procurar estar sempre em dia com sua silhueta, não podendo passar um quilo a mais do que a tal revista de beleza disse. Essa é a realidade e a realidade é ridícula. (**ENTREVISTADO 1**- estudante 15 anos).

Neste ponto, as informações se tornam controversas, embora muitos dos moradores dizem não haver relatos de prostituição, de nenhum tipo de gênero, ao menos não de forma profissional, é certo que as minorias de gênero tendem a ser mais vulneráveis a este tipo de trabalho;

¹⁰ Trecho da música: “Preconceito” interpretada pelo cantor Cazuza.

Com toda certeza, mulheres (trans e cis) e travestis sem condições financeiras e/ou base familiar concreta estão muito mais sujeitas à profissão do que uma mulher cis de classe média/alta ou um homem cis na mesma condição. **(ENTREVISTADO 1- Estudante 15 anos).**

O que existem, são casos de “encontros vantajosos”. Ora pelo sexo considerado não “lícito”, como os adultérios (relações entre amantes que não pretendem criar laços ou compromissos), relações homossexuais (não assumidas), ora por recompensas puramente materiais. Relações onde o corpo do outro se torna objetos de prazer, porém não de reconhecimento afetivo. Este não reconhecimento fortalece o processo de preconceito, e sobre este último, o entrevistado traz que;

Para preconceito não há argumento. O que a maioria tenta usar como “desculpa” para sua “opinião pessoal” é a religião, principalmente quando se trata de Cristianismo, que tanto usa de seu livro sagrado para condenar pessoas pelo que elas simplesmente são. (...) O preconceito é distribuído gratuitamente e não é discutido de nenhuma forma ou corrigido pela comunidade. A minoria simplesmente sofre a discriminação e fica por isso mesmo. **(ENTREVISTADO 1- Estudante 15 anos).**

Não é preconceito mas... eu me sentiria enganada ao me relacionar, de estar paquerando alguém, saindo com alguém e depois descobrir que ele é ela. E outra coisa, mudar o sexo, alterar o corpo que Deus te deu é pecado. **(ENTREVISTADA 4- Doméstica 21 anos)**

As pressões que a sociedade faz para que se assuma um modelo considerado adequado, faz com que muitos adotem uma identidade aceitável aos olhos, aos ouvidos da sociedade, mesmo que essa violenta sua forma de ser, ver e perceber o mundo.

Aqui, por exemplo, tem caso de um drag que virou padre. Quero dizer, tá estudando para padre, mas antes se caracterizava, se maquiava como mulher, imitava a Lady Gaga. Outro caso é de um moço que também cresceu, com todo os trejeitos femininos, se vestia como tal, mas de uns dias para cá, cortou seu cabelo, está se vestindo como homem, mas ainda gosta de homens. **(ENTREVISTADA 2- Funcionária pública 32 anos)**

O que se percebe, afinal, é que ao tempo em que a maioria dessas pessoas se rendem a pressão, outros se distanciam, optando por ir morar em outras cidades, onde possam viver com maior liberdade e demonstrar seu verdadeiro jeito de ser, sem censuras.

Considerações Finais

A nova cultura, de comunicações e de informações, vem desfazendo os limites profissionais, até então estabelecidos, e vem aumentando a autonomia das mulheres aos

homens neste distrito. Confirmou-se assim, que este movimento vem adentrando até nas comunidades rurais em que as tradições culturais condicionavam as mulheres à um papel secundário na vida social e familiar e rompendo com os modelos impostos.

Embora, seja visível este processo de superação, anteriormente citado, ainda há a hierarquização entre gêneros. Sendo os homens (heterossexuais) no “topo” dessa relação e em segundo plano, é possível perceber as mulheres (heterossexuais) reproduzindo a relação de silenciamento entre mulheres e homens homossexuais (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais).

Acredita-se que o silenciamento das minorias de gênero, deve-se muito, ao não reconhecimento dos agentes sociais, como a escola, a comunidade e da família para oferecer ajuda, respeitar e buscar a equidade entre todos os gêneros, estabelecendo assim uma relação de opressores/silenciadores e oprimidos na comunidade estudada.

Essa relação opressor-oprimido é mais complexa do que aparenta e a busca de equidade demandará tempo, principalmente em espaços onde conservadorismo da cultura tradicional rural se mantem mais resistente às mudanças, devido ao seu fluxo lento e a manutenção geracional de seus valores e costumes.

Referências Bibliográficas

ALVES, José Eustáquio Diniz. **Desafios da equidade de gênero no século XXI**. Estudos Feministas, Florianópolis. maio-agosto/2016.

CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. **In: Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Odebrecht**. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142- 150.

CRUZ, Abigail Bruna; **Escola Rural e Currículo Urbano: Entre as práticas geográficas escolares e as práticas socio-espaciais no distrito de Barranco Alto-MG.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Alfenas. UNIFAL 2016.

FIGUEIREDO, Rafaela S.C; CRUZ, Abigail B. & ALVES, Flamarion D. Tradição e conhecimento no mundo rural: As transformações culturais no distrito de Barranco Alto, Alfenas MG. **ANAIS...** Encontro Nacional de Geografia Agrária-ENGA. Aracaju- SE. 2016.

FOCAULT, Michel; História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: **Graal**, 1988.

RAFFESTIN, Claude; Por uma geografia do poder. São Paulo. **Ática**. 1993

SILVA, Marcia Alves Soares da. Distritos municipais: Entre a modernidade da cidade e a tradição do campo. **VII Seminário Estadual de Estudos Territoriais.** II Jornada de Pesquisadores sobre a Questão Agrária no Paraná. 2011

SILVA, Joseli Maria; Dos Espaços interditos a instituição dos territórios travestis: Uma contribuição as geografias feministas e queer. **In: Entre Geografias.** Terra Livre São Paulo SP Ano 26, V.2, n.35 p.53-72 Jul-Dez.2010.